



# Gaúchos voltam a discutir a preservação das tradições

**Peleia Movimento tradicionalista defende a pureza da mistura musical gaúcha**

**Ademar Vargas de Freitas**

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que incentiva, normatiza e fiscaliza as quase três mil entidades que cultuam as tradições gaúchas no Rio Grande do Sul, no Brasil e em outros países, proibiu a apresentação de grupos musicais que executam *tchê-music* nos CTGs. Segundo o presidente do MTG, o historiador Manoelito Carlos Savaris, esse tipo de manifestação musical surgido recentemente incorpora instrumentos e formas que não têm a ver com a tradição.

Por sua vez, os músicos nativistas que se afastam da forma tradicional da música gaúcha defendem seu direito de inovar mas dizem que essa proibição não vai lhes causar muito prejuízo porque a maior parte de suas apresentações não se dá no ambiente tradicionalista.

Para o antropólogo e professor da UFRGS Ruben Oliven, manifestações culturais estão sempre mudando, mesmo que pareçam ter caráter permanente. Ele acha que o MTG, como todo movimento, também vai evoluir. “É necessário haver modificações, até para conservar o que é mais importante.”

Também o folclorista e pesquisador Paixão Cortes, um dos oito estudantes que desencadearam o

movimento em defesa da tradição gaúcha e ajudaram a fundar o primeiro CTG, em 1948, considera que a manutenção das tradições não é uma questão de lei e sim de postura. “Não tem que proibir, tem que conscientizar”, diz ele.

O presidente do MTG garante que os tradicionalistas não são contra a mistura da música gaúcha com outros gêneros e ritmos, nem contra outras formas de se vestir, desde que respeitem o espaço reservado à tradição. “Em vez de bombacha quer usar uma imitação de bombacha? Pode, mas não no CTG, vá usar em outro lugar. Quer fazer uma mistura de vanera com axé? Não tem problema, mas faça isso fora do CTG, que é um local de preservação.”

Ele reconhece que diversas culturas e etnias contribuíram para compor a figura do gaúcho a partir do mestiço, resultante da cruz de mulheres indígenas com portugueses, castelhanos e bandeirantes, que se espalhou pelo pampa depois da destruição dos Sete Povos das Missões, montado a cavalo para prear o gado selvagem e vender o couro em Montevidéu. Depois, vieram agregar-se outras etnias com seus usos e costumes: o açoriano, o negro e, mais recentemente alemães, italianos e povos de outras origens.

Tanto que, o único ritmo originário do Rio Grande do Sul é o “bugio”. Tudo mais foi importado, transformado, adaptado, absorvido e incorporado ao longo do tempo. “A vanera, o vanerão, o xote, a rancheira são corruptelas ou variações de ritmos que se fixaram aqui, adquirindo características locais. Mas em nenhum lugar se toca



As tradições gaúchas são cultivadas por milhares de pessoas em CTGs, piquetes e departamentos culturais

vanera do jeito que ela é tocada no Rio Grande do Sul, e não se pode admitir que seja transformada em ‘vanerão suingado’, sob pena de jamais fixar a identidade gaúcha.”

O MTG considera folclórico ou tradicional o que aconteceu até a metade do século passado e pretende garantir essa tradição, que pas-

sa atualmente por um período de solidificação. “Não podemos aceitar a incorporação de coisas novas, senão a nossa cultura não se solidificará nunca. Mesmo assim, depois disso, já incorporamos o *chamamé*, um ritmo platino, a bateria foi aceita, e o bombo-legüero está em processo de incorporação.”

## Ruben Oliven: “A cultura modifica-se o tempo todo”

O antropólogo e professor da UFRGS, Ruben George Oliven, autor do livro “A parte e o todo”, sobre a diversidade cultural brasileira, diz que o campo musical é ambiente ideal para esse tipo de divergência. Como aconteceu no início da década 70, quando surgiu a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, criada por Colmar Duarte, músico de Uruguaiana que havia tido uma composição vetada num festival nacional por não ser considerada música brasileira. “A Califórnia foi crescendo e, lá pelas tantas, por uma questão de sotaque, ela própria proibiu a apresentação de cantores não-brasileiros, o que não resolveu, porque havia

muitos cantores brasileiros com sotaque castelhano.” Nas décadas de 80 e 90 surgiu um movimento auto-intitulado de nativista. “Não era organizado como o MTG e se propunha a promover uma inovação na música gaúcha, aceitando diferentes formas de manifestação musical, não se opondo à guitarra elétrica e permitindo o uso de tênis com bombacha.” Os nativistas acusavam os tradicionalistas de serem retrógrados, de não quererem inovar musicalmente, de terem um estilo pobre, que eles chamavam de *nheco-nheco*, de só mostrar a figura do gaúcho tradicional, esquecendo de que, muitas vezes, ele era oprimido. E os tradicionalis-

tas acusavam os nativistas de não estarem fazendo nada de novo, apenas aproveitando o trabalho já feito e promovendo inovações que descaracterizavam a cultura gaúcha. “Isso remete a uma questão mais ampla, que em antropologia se chama de debate sobre pureza. Qualquer movimento tende, com frequência, a construir algo com certo conjunto de normas e valores que visa a manter sua pureza, como acontece em grupos religiosos ou políticos. A disputa é em torno do que é e do que não é cultura gaúcha, e quem tem autoridade para definir isso.” O professor lembra, que manifestações culturais estão sempre mudando, mesmo

que pareçam ter caráter permanente. “Uma lei estadual define o verdadeiro churrasco gaúcho. Mas o churrasco que, tradicionalmente, era feito nas estâncias, em geral, não vinha acompanhado por salada. E, muito menos, por coração de galinha, queijo derretido, pão com alho e outros acompanhamentos que as churrascarias do Rio Grande do Sul costumam oferecer.” O professor Ruben Oliven acredita que o MTG, como todo movimento, vai evoluir. “As coisas mudam, às vezes, muito lentamente. Já existem CTGs que têm patroas em lugar de patrões. É necessário haver modificações, até para conservar o que é mais importante.”

## Sem similar no mundo

Manoelito Savaris explica que, em determinado momento, o gaúcho se deu conta de que estava correndo o risco de perder grande parte da identidade que tanto preza. Mas, diferentemente de povos de outros lugares do Brasil que também sofreram esse processo, montou uma estrutura de defesa. Isso ocorreu em 1948, com a fundação do 35 CTG, que se reproduziu em diversos outros centros de tradições gaúchas, reunidos desde 1966 no Movimento Tradicionalista Gaúcho, um sistema associativo destinado a garantir a tradição e a identidade histórica do gaúcho. De acordo com os registros do MTG, perto de três mil entidades cultuam as tradições gaúchas, incluindo CTGs, departamentos de tradição gaúcha, centros de cultura nativa, grupos de arte nativa e piquetes tradicionalistas. Cerca de 1.500 estão no Rio Grande do Sul; 650 em Santa Catarina, 350 no Paraná e 300 em outros estados, mobilizando em seu entorno cerca de três milhões de pessoas. Gaúchos que estão radicados ou estudando em outros países têm fundado CTGs pelo mundo afora. Há três no Paraguai, quatro em Portugal, um na França e seis nos Estados Unidos (filiais à Federação Norte-americana da Tradição Gaúcha Brasileira). Também há núcleos tradicionalistas no Japão, na Itália, na Holanda e na China. “Onde houver uma churrascaria, naturalmente se cria um núcleo tradicionalista”, diz Manoelito Savaris.

## Paixão: “Não tem que proibir, tem que conscientizar”

Sobre a polêmica em torno da *tchê-music*, o folclorista e pesquisador João Carlos Paixão Cortes, diz que há verdades temporárias e que é preciso modernizar sem perder as raízes. E alerta: “Não é uma questão de lei, é uma questão de postura. E não tem que proibir, tem que conscientizar.” O pesquisador, que tem publicado e distribuído de graça livretos sobre

a cultura e as tradições do Rio Grande, considera importante estar ajustado à tecnologia para poder reavaliar o passado. “É preciso conhecer os fatos, renovar os valores humanos. Não se pode dar um salto para a frente sem ensinar. É preciso conhecer pelo racional, e com bem-estar.” Paixão foi um dos estudantes que deram início ao movimento tradicionalista ao criar um departa-

mento de tradições gaúchas no Colégio Estadual Júlio de Castilhos e promover um desfile a cavalo pelas ruas do centro de Porto Alegre para homenagear a chegada dos restos mortais do herói farroupilha Davi Canabarro a Porto Alegre em 1947. No ano seguinte, junto com outras pessoas, ele criou o primeiro centro de tradições gaúchas, o 35 CTG. Mais tarde, serviu de modelo para o

monumento O Laçador, criado em 1966 pelo escultor Antônio Caringí. Para encerrar o assunto, ele afirma: “Ninguém tem que me dizer o que é bonito, cada um tem que saber por si. Eu não conto coisas que não tenha visto. Não sou de palco, sou um pesquisador, um folclorista, me limito ao original. Mas os artistas têm outra função.”